Em memória do amor

O livro Cântico dos Cânticos tem trazido uma saudável dificuldade para os estudantes da Bíblia. Ao longo dos tempos, judeus e cristãos têm feito conjecturas sobre o significado e a intenção do livro (ler o estudo de Carlos Mesters: Sete chaves de leitura para o Cântico dos Cânticos, publicado neste número de Estudos Bíblicos). Apesar de todo o esforço dos estudiosos do passado e do presente, as dúvidas e os questionamentos continuam. Vamos levantar alguns:

1. O gênero literário de Cântico dos Cânticos parece não ser tão comum à literatura do Antigo Testamento. O paralelismo é melhor encontrado na literatura egípcia. Aqui, os poemas são montados através de diálogos entre amantes, e a atmosfera desse encontro é ilustrada pelos jardins, animais, frutos, flores, perfumes, árvores. Mas os paralelismos não ficam somente nessas figuras. Eles vão muito mais além. (cf. R.E. Murphy. *Wisdom Literature*, vol. XIII, FOTL. Michigan, Eerdmans, 1981, p. 99-104).

2. A teologia do livro apresenta-se envolvida pelo interesse no amor sexual. Aparentemente, esta é a impressão causada sobre os estudiosos e intérpretes, e ela tem suas justificativas: o livro descentraliza o foco de interesse do judeu no período bíblico: em vez da lei, o amor; em vez da memória dos atos de Javé em favor da libertação do povo, o livro exalta a relação homem-mulher.

3. O que levou o escriba judeu e as comunidades judaicas (e posteriormente cristãs) a incluírem o livro de Cântico dos Cânticos na relação dos livros sagrados? A resposta para esta questão, é bom que se diga, não pode ser buscada no lugar vivencial original do poema, mas no ambiente que moveu a comunidade judaica pós-exílica a usá-lo e incluí-lo como um dos livros sagrados. Parece que é esta a tarefa mais objetiva e proveitosa para os estudiosos modernos que desejam conhecer este livro.

A TAREFA DE INTERPRETAR E RECONCEITUAR

Profeta, sábios e legisladores tinham a função de ler e interpretar a Torá – a Boa-Nova de Javé – ao povo de Deus. É interessante perceber, através de exemplos como Jr 31,31-33, que o profeta Jeremias não parafraseou o ensino antigo, mas teve o cuidado de escolher, entre outras, a aliança a que ele queria se referir. Consciente disso, ele proclama uma nova aliança. Jeremias não repetiu as estipulações da aliança entre Javé e o povo nos dias de Moisés, mas releu-a e reconceituou-a para os dias trágicos da destruição de Jerusalém.

Na tarefa de buscar uma instrução de Javé dentro das antigas tradições, o intérprete não fica preso ao texto, mas abre-se às insinuações da Palavra divina. Esta palavra é vista por Jeremias como uma "carga" que Javé impõe sobre o intérprete (Jr 23,33-40), e por Isaías, como uma espécie de "bomba" (Is 9,7) que cai pesado, inesperadamente, sobre um lugar. Naturalmente, a Palavra de Javé não é neutra e isenta de elementos vitais ao ser humano. Por isso ela é viva e conduz vida e bem-estar para toda a criação (Sl 19,8-11). Em que sentido Cântico dos Cânticos foi reconhecido como uma "carga" de Javé? A releitura da Torá, bem como sua interpretação e reconceituação, possibilitou aos membros da comunidade judaica um bem-estar tamanho, que a memória desses pronunciamentos transformou-se em palavra portadora de autoridade divina. A grande verdade é que Cântico dos Cânticos, ao ser incluído no rol dos livros sagrados, passa a ser considerado Torá, isto é, instrução divina autêntica.

Quando os escribas e a comunidade judaica optaram pela leitura sistemática e posteriormente pela inclusão do livro Cântico dos Cânticos no cânon da Bíblia hebraica, eles possuíam fortes argumentos. Aos estudiosos, hoje, cabe a tarefa de descobrir esses motivos que, por razões desconhecidas, não foram devidamente registrados na história. Diante de nós continua a desconfortante questão sobre a inclusão de Cântico dos Cânticos entre os livros sagrados de judeus e cristãos.

UM LIVRO DA PÁSCOA

Na tentativa de encontrar as razões pelas quais o livro Cântico dos Cânticos foi canonizado, os estudiosos percorreram muitos caminhos. Marvin Pope (*Song of Songs*, Anchor Bible, Nova Iorque, Doubleday, 1977) historiou extensivamente os muitos métodos aplicados para se conhecer as razões da canonização. Entretanto, tais meios de interpretação não deixaram satisfeitos os leitores que esperavam respostas convincentes. Interpretações como a naturalista (amor erótico entre o homem e a mulher), a alegórica (o noivo representando Javé ou Jesus Cristo, e a noiva representando a Igreja), ou mesmo a mitológica (a celebração nupcial entre as divindades da vegetação ou as núpcias sagradas do rei no Antigo Oriente) foram surgindo e ganhando adeptos, porém não convenceram os que buscam uma verdade com o rigor exegético (Sellin-Fohrer. *Introdução ao Antigo Testamento*, vol. II. São Paulo, Paulinas, 1978, p. 440s). Na verdade, é inadequado cortar queijo com colher, isto é, a cultura hebraica não pode ser explicada e entendida a partir de critérios desconhecidos a ela.

Certamente, Cântico dos Cânticos é um dos livros bíblicos que tem sido alvo do maior número de hipóteses interpretativas. A história da interpretação bíblica comprova este fato. Entretanto, pouco se tem feito para descobrir as razões da escolha de Cântico dos Cânticos como leitura obrigatória durante as celebrações da festa da Páscoa. As demais leituras recomendadas foram assimiladas em razão da lógica de motivos: o livro de Rute para a festa de Pentecostes (celebração ecumênica que congregava todos os habitantes da Palestina); o livro de Eclesiastes para a festa dos Tabernáculos (renovação da Aliança); o livro de Lamentações era lido no aniversário da destruição do templo de Jerusalém; o livro de Ester para a festa de Purim (quando se comemora um momento da vida judaica na Pérsia sob a liderança de Ester). Quanto à exigência da leitura de Cântico dos Cânticos na Páscoa, esta foi minimizada sob o argumento de que esta prática é muito tardia, a saber, século III aC. Contudo, este indicativo histórico não pode ser desvalorizado. É preciso rever a relação da leitura desse livro com a Páscoa.

A) *Evidências externas* – Quando se propõe descobrir a chave de leitura deste livro a partir de sua escolha como uso obrigatório na liturgia da Páscoa, não se quer afirmar que esta tradição remonta às origens do poema, nem tampouco de sua editoração e canonização. O que se quer sugerir é que a comunidade judaica dos primeiros séculos da era cristã oficializou uma prática que definitivamente lhe era conhecida. Uma tradição bíblica literária ou teológica não surgia gratuitamente, mas sim, mercê de um longo desenvolvimento baseado em motivos concretos e lógicos. Portanto, o fato da escolha deste livro como leitura da Páscoa sugere uma análise mais séria.

Alguém pode argumentar que o tema amor entre homem e mulher está fora do alcance dos motivos pascais, se se considerar suas raízes. Isso fica claro, especialmente, nas celebrações mais primitivas. Porém, a tradição pascal nunca seguiu um único roteiro litúrgico. Embora mantendo-se centralizada no tema êxodo como motivo central, a celebração recebeu novos elementos significativos. Paulatinamente, ela foi perdendo seu caráter exclusivamente histórico para adotar tendências espirituais, seja na liturgia judaica, seja na celebração cristã (1Cor 5,7-8; 11,26-27).

Tudo nos leva a crer que a festa por excelência, no período pré-exílico, foi a dos Tabernáculos. Entretanto, a Páscoa foi, pouco a pouco, assumindo uma posição mais saliente. Parece que o ponto de partida foi, oficialmente, a reforma josiânica, já no fim do século VII aC (Dt 16,1-8), mas é possível supor que Ezequias tenha antecipado essa modificação (2Cr 30,1-27). Dessa forma, percebemos que nos distintos períodos da história do povo em que se afirma uma restauração ou se sanciona de novo a aliança – incessantemente comprometida pela infidelidade do povo – os reformadores assinalaram a Páscoa, e não as festas da Colheita e Tabernáculos, como o principal espaço para a renovação e restauração do povo de Deus (2Rs 23,21-23; Esd 6,19-22).

De tudo que se falou acima, um detalhe começa a ficar evidente nesse emaranhado de tradições. É que as mais caras e populares tradições de Israel sempre foram alvo do interesse da política gananciosa de reis, sacerdotes e juízes. Um exemplo significativo foi a transposição da Arca para o templo de Jerusalém. Muitas tradições foram usadas mais como armas ideológicas dessa política do que como instrumentos de libertação do povo. O fenômeno do

legalismo pós-exílico é outro exemplo significante. Entretanto, a tendência espiritualizante que a interpretação bíblica assumiu, a partir desse período, possui valores que as tradições judaicas e cristãs mantiveram e fizeram prosperar dentro de seus próprios contextos e necessidades. É dentro dessa situação vivencial que se deve buscar a compreensão e avaliar a importância como literatura sagrada do livro Cântico dos Cânticos.

B) *Evidências internas* – Há muitos motivos, especialmente fora de Israel, para se cantar o amor. Afinal, este tema é um formidável instrumento didático nas mãos dos mestres e sábios, responsáveis pela instrução do povo. O amor sexual – entre o homem e a mulher – é um tema sempre necessário na educação popular. O prazer dessa experiência e o poder que emana desse ato é realmente um formidável quadro para descrever a atuação de Javé na história. Não é esta a descrição do processo de criação do mundo? "...e a *ruaḥ* de Eloim pairava por sobre as águas" (Gn 1,2b). A criação da terra e o mundo só foi possível através do "chocar" de Deus sobre as águas. E à medida que a terra e o mundo eram concebidos, Deus repetia prazerosamente: "e tudo era bom" (Gn 1,10.12.18.21.25 e 31). Assim, fica bastante evidente na cultura hebraica a idéia de que a libertação e restauração do povo trazem tanta alegria, somente comparada à da noiva e do noivo no casamento (Jr 7,34; 33,10-11). Na verdade, Jeremias queria dizer que o exílio fez cessar a alegria do povo – o cântico da noiva e do noivo – mas que o retorno, o novo êxodo, o faria feliz novamente. É bom perceber que o profeta relacionou mais de uma vez o amor de noivado com o tema do êxodo (2,2; cf. Os 2,16s).

Um segundo ponto deve ser lembrado nessa discussão. O amor entre o homem e a mulher constitui o caminho para a renovação e a manutenção da esperança de vida para o futuro do mundo. Acrescenta-se aqui que esse amor é visto como símbolo da reconciliação de toda a criação (Is 49,14-16; 50,1-3; Ez 16,60-63). Isso fica mais evidente quando se pensa no amor matrimonial – não como resultado imediato, mas como uma alegria duradoura. O desamor, a infidelidade, a desunião – enfim, a morte – constituem os maiores inimigos do povo de Deus. Por isso, o livro termina afirmando que o amor é forte como a morte (Ct 8,6).

Em terceiro lugar, este estudo não pode descartar a ajuda do estudo de motivos que geraram a editoração e canonização de Cântico dos Cânticos. O argumento de que o livro foi escolhido em função do nome de Salomão não deve, aqui, merecer qualquer consideração. Entretanto, há pistas pouco exploradas, deixadas pelos pesquisadores ao longo da história da interpretação bíblica. No diálogo entre a adolescente e o seu amado, o intérprete tem muita dificuldade para fazer o perfil do segundo. Porém, isso pode ser de menor importância, se o objeto da análise for a intenção do autor. Na verdade, o que se pretende é buscar os motivos que provocaram a canonização do livro. Aí, a relação do livro com a Páscoa pode ser um elemento fundamental para descobrir o seu significado para a comunidade judaica e, posteriormente, cristã. Assim, evidenciam-se alguns pontos:

a) O período do processo de edição de Cântico dos Cânticos coincide com o despertar de uma consciência nova na comunidade judaica. Javé continuava a ser Aquele que como faísca (8,6) manifestava-se junto ao povo, possibilitando uma nova experiência, a saber, novos olhos para enxergar e ler de maneira nova

as antigas instruções da Torá. O povo carregava a convicção de que, apesar de todos os desastres, Javé sobreviveu a tudo. Desse desastre, o povo volta com essa convicção: Javé é maior do que o poder da morte (8,6). Entretanto, os duzentos anos de domínio persa (e a cultura grega já presente no mundo oriental) fizeram mudanças consideráveis no meio da comunidade judaica. O tema ressurreição já pode ser detectado na literatura bíblica da época (Ez 37,1-14; Is 53,10-12).

b) Se os judeus aprenderam a interpretar as instruções da Torá, eles também tiveram que conviver com a crescente desigualdade entre as famílias e o anseio pelo lucro. Isso contagiou até os sacerdotes (Ml 1,6–2,9; 3,3). A volúpia pelo lucro levou muitas famílias à falência. Uma dessas situações é descrita por Ne 5,1-13. Esta reportagem descreve com nitidez os agentes geradores do conflito que afetava diretamente as estruturas do clã: tributo a ser pago para o rei; exploração de trabalho de um grupo sobre o outro; necessidade de abandonar o clã em função do mercado de trabalho.

c) Fica evidente que a adolescente (8,8) está sozinha no serviço do campo, antes cuidado por todos os irmãos. Certamente, estes estão, por imposição da nova política econômica, trabalhando no comércio. Eles não deixaram de se preocupar com a irmãzinha (8,8s), porém a realidade socioeconômica foi se impondo e trouxe uma forte sensação de perda de identidade entre o povo de Deus.

d) Portanto, a grande força geradora dessa produção editorial nasceu dentro dos problemas do clã. O poema é um reforço à memória para firmar os laços de solidariedade que são próprios do clã, numa tentativa de impedir a desigualdade e a ameaça desestruturadora sempre presentes nas estratégias dos opressores.

OBSERVAÇÕES CONCLUSIVAS

1) A história da interpretação do livro Cântico dos Cânticos tem alinhado muitas dificuldades, das quais duas se sobressaem: tentar compreender esse livro a partir de métodos estranhos à cultura hebraica é um erro que trouxe muitas dificuldades para a pregação da Igreja; outro problema é tentar compreender o livro a partir do erotismo mostrado pelo poema. O grande veio desse tesouro está na discussão do amor que traz felicidade, prazer e, acima de tudo, a esperança da superação dos problemas que ameaçavam de morte a comunidade judaica.

2) O intérprete desse livro deve trabalhar com hipóteses bem próximas da realidade do processo de aceitação como livro que conduz autoridade divina. Assim, pode-se tentar restaurar alguns elementos de sua história traditiva: primeiro, o poema teve sua origem fora do culto, mas por seu conteúdo, beleza e comunicação de uma verdade tornou-se querido e respeitado pela comunidade. O segundo momento da formação desse livro deu-se na celebração cúltica. O povo de Deus viu na leitura de Cântico dos Cânticos o rosto da realidade e a resposta para os seus questionamentos – a família sendo desestruturada pela força dos opressores e as antigas tradições tornando-se inoperantes. O livro representa, então, uma nova leitura da Torá, a saber, a afirmação da esperança no amor e na fidelidade como a única alternativa ao desespero. A dinâmica do processo de crescimento da tradição de Cântico dos Cânticos, portanto, nasceu dentro da

comunidade dos crentes javistas que necessitavam de uma instrução divina cuja autoridade os levasse a organizar a vida e renovar a esperança. O terceiro momento da formação desse livro é a canonização decidida por um grupo seleto de judeus com base no longo processo de busca de autoridade divina por parte da comunidade.

3) O argumento em favor da Páscoa, como chave de leitura para o livro Cântico dos Cânticos, torna-se mais forte a partir do fato de que o amor é apresentado como o gerador da fidelidade, da esperança e da vida comunitária. O ressurgir de uma comunidade livre de todos os males dependia de atitudes comunitárias cujo paralelo é o "amor-paixão-companheirismo" entre homem e mulher. O pano de fundo de toda essa reflexão é a deturpação da casa: uma adolescente, movida pela circunstância, trabalha sozinha no campo pertencente à família, enquanto outros membros de sua casa certamente estavam trabalhando no comércio.

4) A substituição do tema litúrgico pascal – do êxodo para o amor – é perfeitamente legítima: primeiro, porque o momento possibilitava esta reflexão; segundo, porque ambos os temas exaltam a esperança de uma nova vida; terceiro, porque somente o amor – entre homem e mulher – possibilita a fecundação de uma nova vida.

Tércio Machado Siqueira
Rua do Sacramento, 230
Rudge Ramos
09735-460 São Bernardo do Campo, SP